

UMA VISÃO SOBRE A PRODUÇÃO EM INGLÊS FALADO COMO INTERLÍNGUA NAS AGÊNCIAS DE NAVEGAÇÃO NO PORTO DE RIO GRANDE

Bianca da Silva VENTURA (Universidade Federal de Pelotas)

ABSTRACT: *An important example of linguistic association is found in Rio Grande city in the state of Rio Grande do Sul. Despite of the city presentig contact with the Spanish language because it is connected with Uruguay through the railroad and highway mesh, the navigable system exposes rio-grandino citizens to the contact with the English language.*

KEYWORDS: *languages in contact; interlanguage; languages in contact in port areas.*

0. Introdução O contato entre as sociedades e suas respectivas línguas revela a ingenuidade em se admitir que seja possível a existência de um purismo lingüístico por excelência, pois não existe comunidade e, conseqüentemente, língua que se encontre em uma “redoma de vidro”.

Em tempos da “comunidade global” e da “World Wide Web” em que a comunicação entre os indivíduos tem se expandido de uma maneira que vai muito além dos discursos locais das comunidades, as pessoas têm tido que aprender uma língua estrangeira, não mais como um agradável passatempo, mas, freqüentemente, como um meio de obter educação e emprego.

Muito freqüentemente, no entanto, existem, ocasionalmente, combatentes ferrenhos do contato entre línguas e defensores do monolingüismo no território brasileiro. Nessas situações, esquece-se, por exemplo, que os efeitos do contato lingüístico podem ser muito significativos e favoráveis ao desenvolvimento econômico, político, social e cultural da comunidade em questão. Esse é o caso do porto de Rio Grande, beneficiado pelo contato entre o português e o inglês através do sistema navegável.

Negar a importância do contato lingüístico no contexto rio-grandino e da necessidade óbvia de se descobrir mais sobre como uma língua estrangeira é adquirida significa promover um processo de limitação cultural, além de uma falta de integração e uma limitação da comunicação.

RESUMO: Sabe-se que o contato entre línguas sempre existiu, sendo um resultado da relação entre sociedades. Estas, por razões políticas, econômicas, sociais ou culturais, necessitam se integrar por estarem compostas por indivíduos e por grupos que se comunicam entre si.

Um importante exemplo de associação lingüística encontra-se na cidade de Rio Grande no Rio Grande do Sul. Apesar de o município apresentar contato com o espanhol por interligar-se com o Uruguai através da malha rododiferroviária, o sistema navegável expõe os cidadãos rio-grandinos ao contato com a língua inglesa.

Esse artigo pretende discutir o contato lingüístico português / inglês, oferecendo um panorama do nível do inglês como interlíngua na linguagem portuária dos funcionários das agências de navegação de Rio Grande.

PALAVRAS-CHAVE: línguas em contato; interlíngua; línguas em contato nas regiões portuárias.

1. A língua inglesa no cenário mundial

Em nenhum momento da história mundial discutiu-se tanto sobre desenvolvimento e globalização. De fato, o contexto global sofre mudanças políticas, econômicas, tecnológicas, culturais e sociais que também trazem à tona o debate sobre a língua inglesa como língua internacional.

Nesse sentido, o inglês desponta, segundo Graddol e Meinhof (1999: 1), como a língua franca internacional que afeta a vida profissional e privada dos indivíduos pertencentes ao século XXI. Ao assumir esse papel de língua global, tal idioma torna-se uma das mais importantes ferramentas, tanto acadêmicas quanto profissionais.

O uso crescente dessa língua no mundo apresenta suas raízes em processos tecnológicos, econômicos e sociais muito complexos, podendo ser concebido como uma inevitável consequência da globalização econômica ou como um legado do colonialismo e do imperialismo inglês. Em outras palavras, o idioma em questão goza de forte prestígio mundial devido ao poder político, militar e econômico das nações que mantinham ou ainda mantêm o inglês no cenário da comunicação internacional.

Há que se considerar ainda a influência direta ou indireta dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha no contexto internacional. Como resultado, surgiu o imperialismo lingüístico: a expansão do inglês como uma trama pós-colonial na parte central de países anglófonos que esperavam manter seu domínio sobre países “periféricos”.

E a expansão da língua inglesa vem de longa data. O primeiro momento é no século XVII com a migração de europeus para o continente americano e para Austrália e Nova Zelândia. O segundo momento ocorreu nos séculos XVIII e XIX com o estabelecimento de colônias principalmente por parte da Grã-Bretanha na África, no Oriente Médio, na Ásia e na Oceania. O terceiro momento teve início a partir do fim da Segunda Grande Guerra em 1945 com o surgimento dos Estados Unidos como potência econômica-técnica-científica. No entanto, existe um quarto momento que deve ser considerado numa reflexão sobre a consolidação do inglês como língua internacional ou “língua ponte” neste início de novo milênio. Com a independência das diferentes colônias na África e na Ásia a partir dos anos 60, foram institucionalizadas outras variedades desse idioma, cada uma com sua norma, sua cultura, seus romancistas e poetas, seus próprios dicionários. É importante lembrar que o inglês, desde muito tempo, deixou de ser propriedade exclusiva de uma nação ou raça. Essa língua é oficial ou semi-oficial em sessenta países diferentes e apresenta uma posição de destaque em outros vinte. Por este motivo, pode-se falar de “inglês indiano”, “inglês filipino” ou “inglês nigeriano”.

Nesse contexto, o que realmente importa enfatizar é que a língua inglesa passa a desempenhar o papel de entrada para o aperfeiçoamento econômico. Todo setor da atividade econômica mundial pertence a esse idioma. Exatamente por isso, tem-se, nele, a língua representante da prosperidade econômica e do poder. O inglês está no centro de um sistema global em que desempenha uma função igual à do dólar no sistema monetário internacional, sendo responsável por criar e sustentar uma forte divisão econômica. Esse é o duplo status dos dois principais países anglófonos – Estados Unidos e Inglaterra: países mediadores em questões internacionais devido a sua língua central e detentores da moeda dominante de reserva internacional.

Sendo assim, o inglês revela-se como o latim dos tempos modernos, que ultrapassa fronteiras, uma vez que é falado em todos os continentes por milhões de pessoas, além de ser a língua-mãe de vários países. Por isso, é inquestionável e, ao que parece, irreversível o fato de que o inglês tornou-se a língua mais importante a ser adquirida na atual comunidade internacional. Isso sugere que esse idioma é o veículo internacional e o principal meio de comunicação entre as nações. Além de ser a língua da globalização, é a língua da União Européia, que reúne cerca de trinta Estados de línguas diferentes e que têm a necessidade de uma língua comum.

Além disso, o inglês apresenta o status especial de ser a linguagem da ciência, da tecnologia, do mundo digital, da indústria, do progresso, da pesquisa, da inovação, da conquista material, da riqueza, da cultura, do turismo, dos negócios e das trocas, do mercado nacional e internacional, da diplomacia, dos investimentos estrangeiros, das grandes organizações e instituições mundiais. É, sem dúvida, a língua mundial e hegemônica, a língua da comunicação internacional que promove o entendimento mútuo: “A comunicação eficaz entre dois povos implica, em primeiro lugar, um desejo sincero de comunicar-se e de compreensão mútua” (SCHLATTER, 1996: 168).

É a língua da influência, da ascensão social (pois promove melhores salários), do prestígio ou a língua da moda, fenômeno que acontece também em todos os países não-anglófonos. De algumas décadas para cá, o inglês torna-se a chave para muitos aspectos da vida e não pára de estender sua supremacia sobre o mundo.

É ele que domina o sistema eletrônico (rádio, televisão, Internet), representando, para milhares de indivíduos, uma janela para o mundo. É usado, por exemplo, por centros de excelência comercial como Hong Kong para se ligar aos Estados Unidos.

Enfim, a língua inglesa é a chave para a modernização e para o poder e o controle político e econômico. Operar a língua franca em situação multilíngüe significa compartilhar um poder simbólico (acúmulo de capital político, econômico e cultural). O inglês invade a vida de todos os seis bilhões de seres humanos que habitam o planeta e isso, é claro, influencia as demais línguas mundiais.

Utilizar o inglês como língua estrangeira de comunicação do século XXI é empregar uma das mais poderosas e diferenciais ferramentas do mundo atual. Como resultado, tem-se o fato de que a língua inglesa está um pouco presente em todos os lugares do mundo.

2. A língua inglesa e a comunidade rio-grandina

Em se tratando do contexto do porto de Rio Grande, tem-se o fato de que a América Latina atingiu um ponto alto de desenvolvimento, tornando-se parte da economia global. Por isso, somente o espanhol e o português não são suficientes para essa grande interação.

Além disso, o inglês triunfa como uma das línguas mais dominantes devido ao poder marítimo exercido pela Inglaterra a partir do século XVI, o que, de certa maneira, acaba por influenciar as áreas portuárias.

Outro fator relevante é que, no Brasil, como em qualquer outro Estado, a língua oficial não é a única a ser falada e escrita pela população. No porto de Rio Grande, há também outras línguas que são faladas, mas não são necessariamente escritas e o inglês é uma delas.

Baseado em fatos históricos, tem-se que o uso do inglês na comunidade portuária rio-grandina não é resultado exclusivo do imperialismo lingüístico, mas também de transações comerciais internacionais e de condições locais: Rio Grande apresentava condições naturais pouco favoráveis. A contínua agitação das águas, as freqüentes mutações dos canais e as profundidades insuficientes tornavam a transposição da barra extremamente perigosa, o que causava muitos acidentes marinhos e inviabilizava o comércio e o desenvolvimento da região. Em 1906, o engenheiro inglês Elmer Lawrence Cortheill foi contratado pelo governo brasileiro para executar as obras de fixação da Barra de Rio Grande, com aprofundamento para 10 metros, e a construção de dois molhes convergentes e um novo porto na cidade do Rio Grande (hoje conhecido como Porto Novo). Cortheill organizou a companhia “Port of Rio Grande do Sul”, com sede em Portland, Estados Unidos, que construiria e exploraria o porto por 70 anos.

Fala-se inglês, na área portuária, para superar a diversidade de línguas maternas, já que o porto apresenta forte vocação internacional, estabelecendo contato, por exemplo, com navios de bandeiras alemãs, coreanas, chinesas, filipinas, entre outras. Tem-se, então, a língua inglesa como elemento unificador que promove relações com o exterior.

Conseqüentemente, tal idioma é o suporte lingüístico através do qual a cidade de Rio Grande atinge grandes mercados e a ferramenta indispensável para o bom exercício das inúmeras relações internacionais realizadas na metade sul do estado do Rio Grande do Sul. Nesse contexto, falar a língua inglesa significa utilizar um instrumento de negociação, de intercâmbio de idéias e de mercadorias.

Como em muitos outros lugares, o inglês tornou-se, no contexto rio-grandino, elemento de integração, o “esperanto dos negócios”, como bem observou Biplan (2005:133). Ele é a regra, a língua-padrão do mundo, participem anglófonos nativos ou não.

3. Considerações sobre “interlíngua”

Antes de relatar a pesquisa efetivamente realizada, faz-se necessário tecer algumas considerações e conceitos sobre a interlíngua.

Segundo Ellis (2005: 31), a interlíngua é um sistema mental de conhecimento da língua estrangeira que reflete o desenvolvimento sistemático da linguagem do aprendiz. De acordo com o autor, esse conceito constitui-se na primeira tentativa de se explicar o aprendizado de uma língua estrangeira, respondendo ao seguinte questionamento: Qual é a natureza das representações lingüísticas da língua estrangeira que os aprendizes formulam? Além disso, ele reflete, diretamente, a visão mentalista da aquisição da língua materna e também oferece uma abordagem de como o aprendizado da língua estrangeira acontece.

O termo *interlíngua* foi criado pelo lingüista americano Larry Selinker, o qual reconheceu o fato de que os aprendizes de uma língua estrangeira constroem um sistema lingüístico que reflete, em parte, a língua materna do aprendiz, mas que também é diferente desta bem como da língua-alvo. Dessa maneira, a interlíngua é o produto resultante do contato entre a língua materna e a língua estrangeira. Ela é uma aproximação da língua estrangeira, mas não é a língua estrangeira em si, pois o falante de interlíngua não apresenta alguns elementos empregados somente por falantes nativos. Um aprendiz de língua estrangeira apresenta, portanto, um sistema lingüístico único (Selinker, 1984 apud Ellis, 2005).

Como premissas do aprendizado de uma língua estrangeira, o conceito de interlíngua envolve as seguintes:

- O aprendiz constrói um sistema de regras lingüísticas abstratas que fundamentam a compreensão e a produção da língua estrangeira. Esse sistema de regras é visto como uma “gramática mental” e se refere à interlíngua.

- A gramática do aprendiz é permeável, ou seja, a gramática está aberta às influências externas (através do input) e internas (erros de omissão, generalização e transferência).

- A gramática do aprendiz é transitória. Por isso, os aprendizes alteram sua gramática de tempos em tempos, adicionando ou excluindo regras e, com isso, reconstróem o sistema como um todo, formando um continuum de interlíngua. Em outras palavras, os aprendizes constroem uma série de gramáticas mentais ou de interlínguas à medida em que eles aumentam gradualmente a complexidade de seu conhecimento na língua

estrangeira. Exatamente por isso, a “interlíngua refere-se às sucessivas gramáticas provisórias que os aprendizes constroem no desenvolvimento da competência lingüística na língua estrangeira” (Selinker, 1972 apud Naiditch, 1996).

- Alguns pesquisadores afirmam que os sistemas que os aprendizes constroem contêm regras variáveis, ou seja, eles argumentam que os aprendizes apresentam regras competitivas em qualquer estágio de desenvolvimento. No entanto, outros pesquisadores afirmam que os sistemas de interlíngua são homogêneos e que a variabilidade reflete os enganos que os aprendizes cometem quando tentam usar o seu conhecimento para se comunicar. Portanto, a premissa de que o sistema de interlíngua é variável é bastante controversa.

- Os aprendizes empregam várias estratégias de aprendizado para desenvolver a sua interlíngua. Os diferentes tipos de erros que os aprendizes produzem refletem diferentes estratégias de aprendizado.

- A gramática do aprendiz pode se fossilizar. Selinker sugeriu que apenas cinco por cento dos aprendizes desenvolvem a gramática mental como falantes nativos (Selinker, 1984 apud Ellis, 2005). A fossilização não ocorre na aquisição da língua materna e, assim, é própria do aprendizado da língua estrangeira.

4. Metodologia utilizada na pesquisa

A realização da presente pesquisa consistiu no recolhimento de amostras específicas, uma vez que envolve uma manifestação da língua coletada de um número limitado de informantes composto por dois agentes de navegação das seguintes agências rio-grandinas: Aliança e Orion Para tanto, os contatos lingüísticos de tais trabalhadores portuários foram gravados e transcritos para que se pudessem analisar algumas peculiaridades e estratégias de comunicação / compensação do nível de interlíngua dos informantes. Tem-se, então, um estudo transversal já que se realiza um recorte da interlíngua através da coleta de dados num ponto específico do seu desenvolvimento.

A análise dos dados consistiu, assim, na descrição dos diferentes tipos de erros cometidos pelos agentes, uma vez que eles fazem parte da gramática e do sistema da interlíngua. Compreende-se erro segundo o conceito de Ellis (2005: 17): lacunas no conhecimento do informante que ocorrem porque este não sabe a forma correta. Erros não devem ser confundidos com desvios das normas da língua-alvo, que são lapsos ocasionais.

Os erros são aqui considerados sob uma perspectiva de processamento e aprendizado de uma língua. Ou seja, os erros são vistos como evidências de como a interlíngua é aprendida e como meios de o aprendiz descobrir as regras da língua estrangeira (Corder, 1967 apud Lima, 1996).

Como classificação, utilizou-se a nomenclatura de erros por omissão, generalização (são generalizadas formas consideradas pelo informante como fáceis de serem aprendidas e processadas) e transferência (tentativas de fazer uso da língua materna). Para tal, utilizou-se o inglês padrão (variante prestigiada) como ponto de partida.

As amostras precisaram ser claramente definidas para que se tivesse clareza também quanto aos tipos de erros produzidos pelos informantes. A falta de clareza destes e de outros fatores poderiam tornar difícil de interpretar análise dos erros.

5. Alguns exemplos

A seguir, são listados alguns exemplos no inglês enquanto interlíngua falada pelos agentes marítimos, buscando explicitar os erros e fenômenos interlingüísticos mais freqüentes:

[I1] *Hello, Captain. How are you? How's German?*

[C] *Germany?*

[I1] *Yes, Germany.*

Tem-se, nesse caso, uma nítida confusão entre o país e a nacionalidade em que o informante simplifica e reduz dois significados distintos a um mesmo vocábulo.

[I1] *Captain, this lady is from the Rio Grande college, ok? She is making a job for his college...*

Percebe-se que, em português, o possessivo depende do gênero do objeto possuído: *college* é masculino, então, ele usa o pronome “seu”. Em inglês, interessa o gênero do possuidor, como é mulher, se usa *her*, independentemente de *college* ser masculino.

[I1] *I don't know if you mind she want to record us...*

O informante cometeu um erro de omissão ao desconsiderar a forma *wants* para a terceira pessoa do singular do presente. Normalmente, erros de omissão sugerem que os aprendizes estão, de alguma forma, simplificando a tarefa do aprendizado, ignorando características gramaticais que eles ainda não estão prontos para processar.

[I1] ... *she want to know about how is because she is a teacher in English.*

Nesse exemplo, têm-se dois fatos a considerar. Primeiramente, observa-se que o informante, baseado em sua língua materna, a qual admite a omissão do sujeito, exclui o pronome obrigatório em inglês *it*. Além disso, o informante revela uma aparição anômala ao introduzir uma estrutura inexistente no inglês com a expressão *she is a teacher in English*.

[I1] ... *the ship don't come at, to Rio Grande...*

Aqui, constata-se um erro de generalização do verbo auxiliar.

[I1] *Captain, tomorrow morning nine o'clock, ok?*

Novamente, percebe-se um erro de omissão da preposição *at*.

[I1] *I'll ask to the táxi to came here to take the two members...*

[I1] *If I didn't any car to came here...*

Outra aparição anômala é observada nesses dois exemplos: o informante empregou um verbo no passado após a partícula de infinitivo *to*.

[I2] ... *there is one crew list...*

[I2] ... *take one taxi...*

Nesses exemplos, constata-se a interferência da língua materna através da substituição do pronome indefinido *a* pelo numeral *one*. Em português, *um* pode ser numeral ou artigo indefinido. Em inglês, numeral e artigo possuem formas diferentes.

[I2] ... *all time change.*

O informante produziu dois erros de omissão consecutivos: a omissão do sujeito *it* e a omissão da artícula *s*, indicando a terceira pessoa do singular.

6. Algumas conclusões

Verificou-se que a interlíngua utilizada no porto de Rio Grande se afasta do padrão e se aproxima do inglês não-padrão (non-standard English, variante não prestigiada). De certa forma, isso ocorre devido ao fator externo ou *input* que os informantes recebem, ou seja, as amostras de linguagens provenientes de falantes não-anglófonos a que os agentes são expostos. Sendo assim, o inglês padrão não é utilizado devido às dificuldades de compreensão de *input/output* por parte dos locutores e interlocutores. Exatamente por isso, a interlíngua empregada pelos trabalhadores do sistema navegável rio-grandino é, por eles mesmos definida, como o “inglês de beira de cais”. Implicitamente, percebe-se um estigma devido ao afastamento dessa interlíngua com relação ao inglês padrão.

Outra descoberta importante é o uso freqüente de fragmentos ou “pedaços” de estruturas lingüísticas memorizados e empregados automaticamente (*chunks*). Segundo Ellis (2005: 12), utilizam-se tais fragmentos a fim de desempenhar funções comunicativas importantes e que contribuem para a fluência dos discursos não planejados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIPLAN, Pierre. O esperanto dos negócios. In: LACOSTE, Ives; RAJAGOPALAN, Kanavillil (orgs). *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola, 2005. ELLIS, Rod. *Second Language acquisition*. New York: Oxford University Press, 2005. GRADDOL, David; MEINHOF Ulrike H. *English in a changing world*. United Kingdom: AILA, 1999. LACOSTE, Ives; RAJAGOPALAN, Kanavillil (orgs). *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola, 2005. LIMA, Marília dos Santos. A Análise de Erros na pesquisa e na pedagogia de L2. In: LIMA, Marília dos Santos; GUEDES, Paulo Coimbra (orgs). *Estudos da linguagem*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996. LIMA, Marília dos Santos; GUEDES, Paulo Coimbra (orgs). *Estudos da linguagem*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996. NAIDITCH, Fernando. A pragmática da interlíngua: questões centrais. In: LIMA, Marília dos Santos; GUEDES, Paulo Coimbra (orgs). *Estudos da linguagem*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996. SCHLATTER, Margarete. MERCOSUL: uma pátria de várias línguas. In: LIMA, Marília dos Santos; GUEDES, Paulo Coimbra (orgs). *Estudos da linguagem*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.